

ENTRE O REAL E O VIRTUAL: A SOCIABILIDADE HÍBRIDA DOS JOVENS DA CENTRALIDADE DO SEQUELE-ANGOLA.

Jervanio Manuel Domingos Diogo¹

Juelma Vieira Silva Baldé²

Pedro Afonso Filho³

Igor Monteiro Silva⁴

RESUMO

Este trabalho investiga a influência das redes sociais digitais na sociabilidade dos jovens residentes na Centralidade do Sequele, cidade planejada situada na província de Ícolo e Bengo, Angola. Parte-se da premissa de que a arquitetura de blocos fechados dessa centralidade dificulta o convívio espontâneo característico dos bairros tradicionais, deslocando parte significativa da sociabilidade juvenil para o ambiente virtual. Objetiva-se compreender de que modo essa sociabilidade virtual se articula com a sociabilidade presencial, avaliando se uma substitui a outra ou se ambas coexistem de forma híbrida. Metodologicamente, adotou-se abordagem qualitativa e exploratória, combinando pesquisa bibliográfica, aplicação de formulário online com quinze jovens e realização de quatro entrevistas semiestruturadas, analisadas por meio da técnica de Análise de Conteúdo. Os resultados indicam que o WhatsApp está presente em 100% das respostas, seguido de Instagram e TikTok, funcionando como canais de comunicação e organização comunitária. Verificou-se que 41,7% dos participantes conheceram a maioria de seus amigos por meio das redes sociais, enquanto 58,3% os conheceram presencialmente, e que 66,7% percebem um efeito ambivalente das redes sobre a convivência, capazes tanto de aproximar quanto de afastar, a depender do uso. Conclui-se que a sociabilidade virtual não substitui o encontro face a face na Centralidade do Sequele, mas o reconfigura, instaurando uma dinâmica híbrida em que o grupo de WhatsApp do bloco e a praça do bairro cumprem funções complementares na construção dos laços juvenis. Este trabalho contribui para a Diversidade, Inclusão e Transformação Social ao revelar como jovens angolanos superam o isolamento da arquitetura planejada na Centralidade do Sequele. A pesquisa mostra que a sociabilidade virtual fortalece o sentimento de pertencimento e democratiza a organização comunitária local. Ao analisar a convivência híbrida entre praças e WhatsApp, o estudo valoriza a inclusão digital como ponte para integrar identidades e manter laços sociais ativos. Assim, promove transformação social ao ressignificar o papel das redes sociais digitais, demonstrando seu potencial adaptativo para aproximar indivíduos, diminuir distâncias espaciais e construir redes de apoio mútua essenciais ao cotidiano juvenil.

Palavras-chave: Centralidade do sequele; Sociabilidade Virtual; Redes sociais digitais; Juventude.

UNILAB, Unidade acadêmica dos Palmares, Discente, jervanioeliseu19@gmail.com¹

UNILAB, Unidade acadêmica dos almares, Discente, juelmavieira18@gmail.com²

UNILAB, Unidade acadêmica dos palmares, Discente, pedrooafonso10@gmail.com³

UNILAB, Acadêmica das palmares, Docente, igor.monteiro@unilab.edu.br⁴

INTRODUÇÃO

A urbanização recente de Angola foi marcada pela implementação de grandes projetos habitacionais estatais, as chamadas “centralidades”, entre as quais se destaca a Centralidade do Sequele, atualmente situada na província de Ícolo e Bengo. Concebida para reduzir a pressão demográfica sobre Luanda, a cidade abriga hoje mais de 60 mil habitantes distribuídos em aproximadamente 426 edifícios. Contudo, a transição do tecido urbano informal dos musseques para o modelo de condomínios fechados alterou profundamente as dinâmicas de vizinhança: como observa Tomás (2012), esses conjuntos habitacionais funcionam como “utopias” estatais que, ao priorizarem uma estética de modernidade e privacidade, dificultam o convívio coletivo que antes ocorria naturalmente nas ruas.

Diante da escassez de espaços informais de encontro, os jovens da centralidade recorrem cada vez mais às redes sociais digitais para manter e construir seus laços sociais. Castells (2012) argumenta que a comunicação digital redefine o espaço social, permitindo que as relações se estendam além das limitações geográficas, enquanto Bauman (2001) descreve essa condição como “modernidade líquida”, marcada pela fluidez e pela facilidade com que os laços se formam e se dissolvem. Ao mesmo tempo, autores como Giddens (2000) e o próprio Castells (2012) alertam que a comunicação mediada pode produzir vínculos frágeis, carentes de profundidade emocional.

Este trabalho parte do seguinte problema de pesquisa: em que medida as redes sociais digitais reconfiguram, sem substituir, a sociabilidade presencial dos jovens da Centralidade do Sequele? Assumiu-se como hipótese que a sociabilidade virtual e a presencial não se excluem, mas compõem um regime híbrido de interação, no qual o ambiente digital funciona como extensão, e não como substituto, da vida comunitária. O objetivo geral deste recorte é analisar como os jovens residentes articulam encontros presenciais e interações digitais no cotidiano da centralidade, e os objetivos específicos são: (i) identificar as plataformas digitais mais utilizadas por esse público; (ii) verificar em que medida as amizades são iniciadas ou mantidas por meio das redes; e (iii) compreender a percepção dos jovens sobre os efeitos das redes na convivência local.

METODOLOGIA

A pesquisa caracteriza-se como qualitativa e exploratória, combinando levantamento bibliográfico e pesquisa de campo, conforme os pressupostos de Minayo (2001) e Gil (2010). Os instrumentos de coleta de dados foram um formulário estruturado, aplicado on-line a quinze jovens residentes na Centralidade do Sequele, e quatro entrevistas semiestruturadas, realizadas entre dezembro de 2025 e janeiro de 2026 com jovens de 19 a 33 anos, moradores há mais de cinco anos no local em 73,3% dos casos. O tratamento dos dados qualitativos seguiu a técnica de Análise de Conteúdo proposta por Bardin (2011), permitindo identificar padrões recorrentes nas falas dos participantes acerca da relação entre uso das redes sociais e convivência de vizinhança. Os dados quantitativos do formulário foram tratados de forma descritiva, com o objetivo de traçar o perfil sociodemográfico da amostra e os hábitos de uso das plataformas digitais.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Em relação ao perfil da amostra, houve predominância do gênero masculino (53,3%) e de jovens entre 19 e 21 anos (46,7%), com 60% cursando o ensino superior. Quanto às plataformas utilizadas, o WhatsApp apareceu em 100% das respostas, seguido de Instagram (73,3%), TikTok (60%), YouTube (46,7%), Facebook (40%) e X/Twitter (13,3%). Esse resultado confirma o papel do WhatsApp como canal estruturante da

comunicação de vizinhança, organizada em grupos temáticos — do bloco residencial, da turma, da igreja —, funcionando como espaço de circulação ágil de informações locais, à semelhança do que relatou a Entrevistada 2: “é por esses grupos que nós sabemos de quase tudo que acontece no bairro [...] de forma mais rápida sem precisar pesquisar nada específico”.

Sobre a origem das amizades, 58,3% dos participantes afirmaram tê-las constituído presencialmente, contra 41,7% que apontaram as redes sociais como principal espaço de encontro inicial. Esse dado dialoga com o relato do Entrevistado 1, para quem duas de suas amizades mais próximas “cresceram” pelo WhatsApp antes mesmo de as “primeiras impressões” pessoais acontecerem. Tais achados sustentam a leitura de Nicolaci-da-Costa (2005), para quem os relacionamentos virtuais funcionam como complemento, e não substituto, das relações presenciais.

Quanto à percepção sobre os efeitos das redes na convivência, a Tabela 1 sintetiza as respostas obtidas: a maioria dos jovens (66,7%) considera que as redes sociais “fazem as duas coisas” — aproximam e afastam, a depender do uso —, enquanto 26,7% percebem efeito predominantemente positivo e apenas 6,7% avaliam o efeito como negativo. Essa ambivalência é ilustrada pela fala da Participante 3, que reconhece que as redes aproximam quem está longe, mas “cria uma barreira física com quem está do lado”, gerando isolamento dentro do próprio bloco residencial.

CONCLUSÕES

Os resultados confirmam que as redes sociais digitais, sobretudo o WhatsApp, tornaram-se infraestrutura relacional da Centralidade do Sequele, preenchendo a lacuna de espaços informais de encontro deixada pela arquitetura fechada da cidade planejada. Constatou-se, contudo, que essa sociabilidade virtual não substitui o encontro presencial: ela o antecede, o organiza e, em muitos casos, o fortalece, configurando um padrão híbrido de interação em que o real e o virtual se entrelaçam no cotidiano juvenil. Esse achado responde ao objetivo proposto e reforça, no plano empírico, a leitura teórica de que a sociabilidade contemporânea é fluida e não se deixa reduzir a uma oposição simples entre presença física e conexão digital.

Ao tratar da relação entre tecnologia, juventude e cidade, este recorte dialoga diretamente com o tema da Semana Universitária, na medida em que evidencia como populações jovens de contextos urbanos em transformação reinventam, por meio das ferramentas digitais disponíveis, formas de pertencimento e cidadania. Recomenda-se que estudos futuros aprofundem a análise sobre a desigualdade no acesso à internet dentro da própria centralidade, de modo a compreender os limites dessa sociabilidade híbrida entre diferentes grupos de jovens.

AGRADECIMENTOS

Agradeço a UNILAB.

REFERÊNCIAS

- BARDIN, Laurence. *Análise de conteúdo*. São Paulo: Edições 70, 2011.
- BAUMAN, Zygmunt. *Modernidade líquida*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2001.
- CASTELLS, Manuel. *A galáxia da internet: reflexões sobre a internet, os negócios e a sociedade*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2003.

- CASTELLS, Manuel. Redes de indignação e esperança. Rio de Janeiro: Zahar, 2012.
- GIDDENS, Anthony. A consequência da modernidade. São Paulo: Editora Unesp, 2000.
- GIL, Antônio Carlos. Como elaborar projeto de pesquisa. 5. ed. São Paulo: Atlas, 2010.
- MINAYO, Maria Cecília de Souza (org.). Pesquisa social: teoria, método e criatividade. 18. ed. Petrópolis: Vozes, 2001.
- NICOLACI-DA-COSTA, Ana Maria. Sociabilidade virtual: separando o joio do trigo. Psicologia em Estudo, Maringá, v. 10, n. 3, p. 351-358, set./dez. 2005.
- TOMÁS, António. O fazedor de utopias: uma etnografia do urbanismo em Luanda. Lisboa: Edições 70, 2012.